

DA LEITURA ENTRE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS AOS PROGRAMAS DE ANIMAÇÃO CULTURAL: ALGUMAS REFLEXÕES

Elza Corrêa Granja*

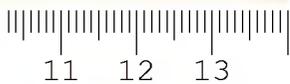
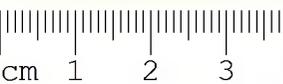
RESUMO: Pesquisa realizada entre estudantes do Curso de Graduação em Psicologia da USP permitiu avaliar o espaço que a leitura ocupa na vida desses universitários. A leitura de lazer dos estudantes pesquisados, em termos de maioria, não parece se distinguir da leitura feita pelo público consumidor dos meios de comunicação de massa em geral, incluindo aqui tanto os livros quanto as revistas voltadas para uma ampla distribuição de massa. A Biblioteca, entre outras instituições, deve procurar completar e corrigir, através de programas de animação cultural, a ação dos meios de comunicação de massa que ao mesmo tempo informam e deformam a realidade. Neste sentido, a animação cultural procura despertar no indivíduo o espírito crítico e criativo face aos meios de comunicação de massa, a fim de que possa estabelecer critérios de seleção quanto ao conteúdo desses meios, auxiliando-o na escolha do que se mostra útil e do que deve ser rejeitado.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas universitárias. Animação cultural. Indústria cultural. Leitura. Estudantes universitários.

Em pesquisa realizada entre estudantes do curso de graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, procuramos estudar a natureza do aluno/leitor através de análise envolvendo uma série de variáveis inter-relacionadas que, em conjunto, nos permitiram conhecer um pouco mais sobre os hábitos de leitura desse estudante (GRANJA, 1985).

Buscamos, para tanto, três momentos que nos pareceram significativos na experiência do estudante universitário como leitor: a leitura

* Professor-Assistente do Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Escola de Comunicações e Artes da USP. Diretora do Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Psicologia da USP.



enquanto prática acadêmica; a leitura como lazer e, por fim, os possíveis reflexos de tais experiências no uso da biblioteca do Instituto de Psicologia.

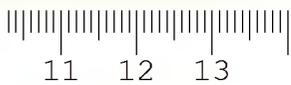
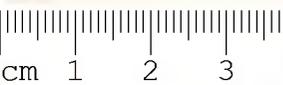
A análise e interpretação dos dados obtidos permitiram avaliar o espaço que a leitura ocupa na vida dos estudantes focalizados e constatar a presença de fatores provenientes não só do meio universitário mas também de outras variáveis analisadas, que afetam direta ou indiretamente a sua atividade de leitura, suas preferências no lazer e o uso que faz de bibliotecas.

Dentre as principais conclusões a que chegamos, segundo os dados coletados através das respostas aos questionários e de observações pessoais, destacaremos aquelas que julgamos de maior interesse para os pontos que pretendemos levantar.

Foi possível verificar que, diante da leitura voltada para o curso, os alunos revelaram pouco interesse, a maior parte limitando-se à consulta da bibliografia básica indicada nas várias disciplinas do curso. A maioria, no entanto, declarou fazer leituras não indicadas pelos professores para complementar seus estudos. Lêem ensaios e livros de Psicologia não indicados no curso, por "interesse no assunto", "por gostar do autor", em decorrência de "comentários dos colegas". Enfim, lêem porque a leitura parece vir de encontro a uma necessidade. Por outro lado, 92% dos estudantes afirmaram dedicar habitualmente algum tempo à leitura nas suas horas de lazer.

O problema parece se colocar, assim, não tanto em termos de uma ausência ou crise de leitura entre os estudantes, mas talvez numa questão de interesses, uma vez que o aluno demonstra uma atitude ambivalente diante da leitura; aquela que é exigida no curso lhe é de pouco interesse; a que lhe interessa, não é exigida, e ele faz por conta própria.

Nossa observação advém do fato de que é freqüente entre alunos a leitura de autobiografias, depoimentos, relatos de experiências pessoais, alguns dos quais apontados com freqüência. Entretanto, o maior número de citações incidiu sobre os romances clássicos e modernos da literatura nacional e estrangeira. Na literatura nacional apontada, verificamos a presença de autores contemporâneos, cujas obras têm tido uma ampla penetração no mercado livreiro: Loyola Brandão, Rubens de Paiva, Fernando Sabino, entre outros. Constatamos, também, a presença da literatura estrangeira de origem européia na leitura de autores como: Tho-



mas Mann, Herman Hesse, M. Yourcenar, Umberto Eco, entre outros.

É predominante, no entanto, a leitura de *best-sellers* da literatura norte-americana representada por vários autores, entre os quais Leon Uris, James Clave, Sidney Sheldon e muitos outros.

Knapp também constatou a preferência por *best-sellers* entre estudantes universitários, concluindo que

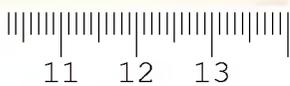
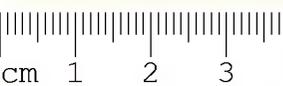
... a maioria dos estudantes universitários continuará a ser, como a maioria dos outros adultos, consumidora dos meios de comunicação de massa, incluindo, é claro, os livros que recebem distribuição de massa (KNAPP, 1963, p. 303).

Acreditamos que uma das razões desta preferência acentuada pela leitura de *best-sellers*, sobretudo da literatura norte-americana, parece estar na facilidade de acesso a esta literatura proporcionada pela indústria cultural através de centros de distribuição do livro, onde a seleção feita pelo leitor fica restrita àquilo que é oferecido e divulgado nos catálogos entregues ao assinante. Nesses catálogos, a literatura estrangeira – sobretudo as traduções norte-americanas – domina o mercado de ofertas, em função do impacto promocional de que esses lançamentos se revestem, o que pode ser constatado na consulta a esses impressos.

Verificamos, desse modo, que a prática da leitura de ficção no lazer é, até certo ponto, dirigida. Não é o aluno que vai em busca do livro, mas é o livro que vem ao seu encontro já com o selo de garantia de “mais vendido”. Não nos surpreende que da lista de livros lidos como lazer não constem autores como Josué Montello, José Cândido de Carvalho, Guimarães Rosa, Adonias Filho e outros grandes escritores modernos brasileiros. Os estudantes da população observada, provavelmente não os conhecem porque deles são feitas poucas promoções e como raramente se valem de livrarias para escolha e nem contam com bibliotecas para atendê-los prontamente nesse tipo de demanda (pelo menos no campus universitário*), valem-se do serviço de livros a domicílio que, se não é o melhor, é o mais fácil.

É neste ponto que queremos destacar a importância da divulgação e

* 4,7% destes estudantes declararam ter selecionado sua última leitura quando de visita a livraria e apenas 3,6% fizeram esta seleção em biblioteca (GRANJA, 1985).



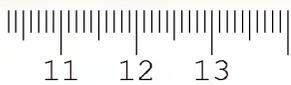
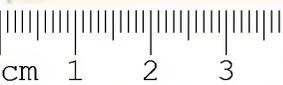
do acesso ao livro, sobretudo nacional, quando se fala em disseminar a prática da leitura e valorizar o autor nacional em nosso meio. É de se esperar que num país que valorize a cultura, "... o contato entre as obras e o público não deveria ser deixado por conta do acaso, mas ser objeto de uma ação consciente e racional, visando a diminuir os obstáculos que isolam diferentes públicos..." (RIGAUD, 1985, p. 5). Essa prática mantém a população em geral e sobretudo a estudantil à margem da prática cultural, valiosa para a sua formação. No entanto, "toda a moderna idéia de cultura, com suas implicações políticas, está contida nessa vontade de propagação generalizada dos valores do espírito através da sociedade" (RIGAUD, 1985, op. cit. p. 5).

Em nossa pesquisa, foi possível verificar que a leitura de lazer dos estudantes em foco, em termos de maioria, não parece se distinguir da leitura feita pelo público consumidor dos meios de comunicação de massa em geral, incluindo aqui tanto os livros quanto as revistas voltadas para uma ampla distribuição de massa, e que também foram objeto de preferência desta população.

É neste ponto que vimos sentindo as bibliotecas universitárias ainda muito presas, na sua prestação de serviços, à estrutura estritamente educacional, servindo aos professores e estudantes universitários, por sua vez, bastante ligados àquela dos meios de comunicação de massa (o rádio, a TV, os jornais), sobretudo no que se refere ao aproveitamento do seu tempo de lazer. No entanto, a escola, por si só, não é suficiente para promover a Cultura, cabendo a outras instituições, entre as quais a biblioteca, efetuar a complementação. Para DUMAŽEDIER (1985), a estrutura de animação cultural ao mesmo tempo que critica ou complementa a escola, também "completa e corrige a ação dos meios de comunicação de massa, já que estes são sobretudo dominados pela publicidade comercial e pela propaganda política, que ao mesmo tempo informa e deforma a realidade" (p. 1).

A animação cultural procura despertar no indivíduo o espírito crítico e criativo face aos meios de comunicação de massa, no sentido de que possa estabelecer critérios de seleção quanto ao conteúdo desses meios, auxiliando sobretudo quanto à escolha do que se mostra útil e daquilo que deve ser rejeitado.

A animação cultural é, portanto, complementar à estrutura de ensino e à estrutura de difusão cultural. Tem seu esforço centrado numa



maior participação do indivíduo na cultura tecnológica, artesanal e artística de forma a impedir que se tornem privilégio de uma minoria.

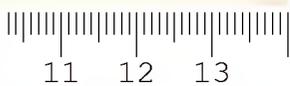
Os programas de animação cultural desenvolvidos por bibliotecas, centros culturais e outras entidades afins, visam, entre outros objetivos, a atrair o público potencial e transformá-lo, gradativamente, em público participante. Despertam o público alvo, para a descoberta de novos caminhos, suscitando a criatividade, a imaginação e contribuindo, desta forma, para uma formação mais ampla, a serviço de uma maior e melhor integração do indivíduo no seu meio.

Pesquisa realizada por NEVES e MELLO (1986) revela, no entanto, que dentre dezoito bibliotecas centrais de universidades que responderam ao questionário encaminhado, nenhuma incluía, entre as atividades promovidas, programas de animação cultural que envolvessem "encontros com o autor", debates sobre temas da atualidade, exposições teatrais ou de filmes, limitando-se apenas a fazer as tradicionais exposições de novas aquisições (p. 40).

Quer nos parecer que a introdução de programas de animação cultural nas bibliotecas universitárias é de fundamental importância na medida em que estudiosos no assunto vêm apontando o sistema escolar como totalmente inadequado à cultura geral, vivenciada pelos jovens ou pelos adultos (DUMAZEDIER, 1980, p. 105). Ensinar, numa era de contestação, exige uma análise aprofundada do contexto e da cultura social vividos pelo estudante para que a aprendizagem se mostre estimulante e significativa, deixando um campo aberto para a auto-formação. A animação cultural nos parece um dos caminhos que se abre às bibliotecas em geral e à universitária em particular, para adentrar à cultura vivida pelo estudante e colaborar para o seu desenvolvimento. Desta forma, a biblioteca universitária estará cooperando para que o estudante possa receber da universidade soma ímpar de conhecimentos, informações e mesmo de emoções que os enriquecerá com o prazer do que se pode chamar, em sentido amplo, de cultura.

ABSTRACT: Research carried out among undergraduate psychology students at the University of São Paulo, allowed for an evaluation of their spare-time reading preferences. These do not seem to differ from those of the general public, i.e., consumer of mass media, including books and periodicals planned for mass distribution. By means of cultural promotion activities, libraries and other institutions must try to complete and correct the action of mass communication media, which not only informs but also deforms reality. Therefore, cultural promotion must aim at stimulating creative and critical thought, the result of which would be selection criteria based on quality.

KEY WORDS: University libraries. Cultural promotion activities. Cultural Industry. Reading. University Students.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DUMAZEDIER, J. *Animação sócio-cultural*. Trad. Luis Otávio de Lima Camargo. São Paulo, 1985. Texto divulgado no Curso de Animação Cultural de Bibliotecas, promovido pelo Centro de Lazer SESC Fábrica Pompéia, 1985.
- _____. *Valores e conteúdos culturais do lazer*. São Paulo, SESC, 1980.
- GRANJA, E.Ç. *Contribuição ao estudo da leitura entre estudantes universitários: análise empírica da leitura entre estudantes do curso de graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo*. São Paulo, 1985. 143 p. (Diss. (Mest.) – Instituto de Psicologia da USP.
- KNAPP, P.B. The reading of college students. *The Library Quarterly*, 38(4):301, Oct. 1968.
- NEVES, F.I. & MELO, M.G.L. O "status quo" do serviço de referência em bibliotecas brasileiras. *Ciência da Informação*, 15(1):39-44, jan./jun. 1986.
- RIGAUD, J. *Animação: técnica, doutrina ou espírito?* Trad. resumo e adaptação de Dante Silvestre Neto. São Paulo, 1985. Texto divulgado no curso de animação cultural de bibliotecas, promovido pelo Centro de Lazer SESC Fábrica Pompéia., 1985.

